



CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES SOBRE MEDIALIDADES BIOGRÁFICAS: UMA LINGUAGEM ESTÉTICA NA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

KNOWLEDGESIGNIFICATIONS ON BIOGRAPHICAL MEDIALITIES: AN AESTHETIC LANGUAGE IN PHYSICAL EDUCATION TEACHING

CONOCIMIENTOSSIGNIFICACIONES SOBRE MEDIALIDADES BIOGRÁFICAS: UN LENGUAJE ESTÉTICO EN LA DOCENCIA EN EDUCACIÓN FÍSICA

Samara Moura Barreto • Luciana Venâncio

Resumo

Este ensaio circunda a apreensão de *conhecimentossignificações* acerca das medialidades biográficas, compreendidas como linguagem estética na docência em Educação Física. A reflexão viceja um percurso heurístico autoformativo empreendido por uma professora-pesquisadora em estágio pós-doutoral, que busca enunciados onto-epistemológicos capazes de sustentar a seguinte pergunta geradora: como constituir uma plástica da liberdade e uma existencialidade (antro)poética na e pela docência em Educação Física? A partir dessa pergunta geradora, o texto situa a noção de medialidade no âmbito do paradigma biográfico, articulando-a ao movimento contemporâneo de renascimento da narrativa como expressão do retorno do sujeito no campo educacional. Nessa direção, discute-se a potência formativa das medialidades biográficas na produção de *conhecimentossignificações*, de modo a fundar, cotejar e desdobrar pressupostos onto-epistemológicos que sustentem a constituição de um dispositivo medial. Por fim, propõe-se a elaboração de um inventário plástico das biografias educativas, entendido como gesto estético-político de reinscrição da experiência docente.

Palavras-chave: Paradigma Biográfico; Autoformação Docente; Biografias Educativas; Automedialidade; Pesquisa Narrativa.

Abstract

This essay centers on the apprehension of knowledge-meanings concerning biographical medialities, understood as an aesthetic language within Physical Education teaching. The reflection emerges from a self-formative heuristic trajectory undertaken by a teacher-researcher during her postdoctoral stage, seeking onto-epistemological statements capable of sustaining the following guiding question: how can a plasticity of freedom and an (anthro)poetic existentiality be constituted in and through Physical Education teaching? Based on this guiding question, the text situates the notion of mediality within the biographical paradigm, articulating it with the contemporary movement of the resurgence of narrative as an expression of the return of the subject in the educational field. In this direction, it discusses the formative potential of biographical medialities in the production of knowledge-meanings, in order to ground, contrast, and unfold onto-epistemological assumptions that support the constitution of a medial dispositif. Finally, it proposes the elaboration of a plastic inventory of educational biographies, understood as an aesthetic-political gesture of reinscribing teaching experience.

Keywords: Biographical Paradigm; Teacher Self-Formation; Educational Biographies; Self-Mediality; Narrative Research.

Resumen

Este ensayo circunda la aprehensión de *conocimentossignificaciones* acerca de las medialidades biográficas, comprendidas como lenguaje estético en la docencia en Educación Física. La reflexión surge de un recorrido heurístico autoformativo emprendido por una profesora-investigadora en etapa posdoctoral, en busca de enunciados onto-epistemológicos capaces de sostener la siguiente pregunta generadora: ¿cómo constituir una plástica de la libertad y una existencialidad (antro)poética en y por la docencia en Educación Física? A partir de esta pregunta generadora, el texto sitúa la noción de medialidad en el ámbito del paradigma biográfico, articulándola con el movimiento contemporáneo de renacimiento de la narrativa como expresión del retorno del sujeto en el campo educativo. En esta dirección, se discute la potencia formativa de las medialidades biográficas en la producción de conocimientos-significaciones, con el fin de fundamentar, cotejar y desplegar presupuestos onto-epistemológicos que





sostengan la constitución de un dispositivo medial. Finalmente, se propone la elaboración de un inventario plástico de las biografías educativas, entendido como un gesto estético-político de reinscripción de la experiencia docente.

Palabras clave: Paradigma Biográfico; Autoformación Docente; Biografías Educativas; Automedialidad; Investigación Narrativa.

A LINGUAGEM ESTÉTICA NO VICEJAR DE UM PROCESSO HEURÍSTICO-NARRATIVO NA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: “APENAS A MATÉRIA VIDA ERA TÃO FINA”

As transitividades de *sentidosdesejos*, no decurso da vida, as quais (re)elaboram as aprendizagens existenciais (Josso, 2004) nas temporalidades da minha formação (Pineau, 2004) como professora de Educação Física há 20 anos, têm sido ampliadas pela compreensão de um devir (trans)formador, de leitura de si própria e do mundo pelo processo tripolar: o eu, o outro e o meio (Pineau, 1983, 1987, 2006; Abreu, 2015; 2020), por assim dizer, na relação entre autoformação (eu), heteroformação (outro) e ecoformação (meio). Esta última como um desafio maior na contemporaneidade, pelas tensões pedagógicas na era do Antropoceno, me faz refletir sobre práticas emergentes entre “educar sobre o Antropoceno e, destacadamente, educar no Antropoceno” (Wallenhorst; Pierron 2019; Mélin; Kondratiuk, 2024; Charlot, 2023), uma vez que “a resposta educacional à crise civilizacional com a qual somos confrontados não pode se resumir ao ensino de conteúdos suplementares. Educar no Antropoceno supõe uma mudança paradigmática” (Mélin; Kondratiuk, 2024, p. 11).

De modo a fazer uma retro(ação) reflexiva em análise autorreferencial da minha biografia educativa (Dominicé 2014; Josso, 2004), esse devir (trans)formador é planteado/matizado por uma ruptura paradigmática que passo a enxergar a partir do movimento (auto)biográfico (Passeggi; Souza, 2017), cujo giro linguístico propõe a centralidade no sujeito com a autoria da sua própria história de vida com a qual se estabelece a constituição de ser professora-pesquisadora e os processos autoformativos, objeto pesquisante em minha trajetória de pós-graduação em educação: mestrado (Abreu, 2015) e doutorado (Abreu, 2020) consubstanciada à minha práxis pedagógica no ensino básico, técnico e tecnológico no contexto do Instituto Federal do Ceará – IFCE (desde 2012) e na pós-graduação pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF (desde 2022).

No que tange aos processos autoformativos, resgato nas linhas finais da minha tese:

Evidencia-se que um fenômeno educativo que se afirma como processo autoformativo se funda, substancialmente, nas transações da alteridade, reflexividade e dialogicidade, de forma amalgamada e em movimento diretivo a uma racionalidade dialógico reflexiva. Dessa maneira, asseveramos como importante a permanência do sentirpensaragir da autoformação docente na Educação Física implicada uma relação dialética e dialógica





capaz de subsidiar um (re)agir cultural em contextos opressores para legitimar a autonomização docente, consolidando uma perspectiva de antropofomação pela intersubjetividade. Destarte, a permanente recursividade sobre **a racionalidade dialógico-reflexiva coloca-se como forma de emancipação humana em constante devir do “ser mais” na e pela práxis educativa, em implicação de luta política e social e ressonância (auto)crítica** (Abreu, 2020) (Grifos nossos).

Dito isto, passo a estabelecer uma racionalidade dialógica-reflexiva como forma de emancipação/libertação humana em constante devir do ser mais (Freire, 2013) num *continuum* reflexivo sobre a autoformação docente em delineamento dos caminhos heurísticos, metodológicos, científicos e onto-epistemológicos para reconhecimento e pertencimento identitário sobre e com a docência em Educação Física, numa articulação narrativa criadora de sentido a partir da dimensão histórica de si (Passegi *et al.*, 2006). Desvela-se assim, meu interesse por práticas/experiências autopoéticas (Maturana, 2001) e antropoéticas (Vieira; Abreu; Sanches Neto, 2022), de modo a “abordar um processo humano, um fenômeno antropológico, no sentido pleno da palavra, que diz respeito, permanentemente, à construção de uma pessoa na perspectiva do seu ser em devir” (Pineau; Le Grand, 2012, p. 17).

Assim venho apropriando e apreendendo as narrativas autobiográficas como linguagem (Abreu, 2015; Abreu, 2020; Abreu *et al.*, 2021, Abreu, 2025) estabelecendo a criação de “um espaço autorreferencial por meio da expressão, enunciação e narração da vida do sujeito por ele mesmo”, em concordância com Le Grand e Pineau (2012, p. 37), de modo a constituir *conhecimentossignificações* (Alves, 2019), por assim dizer, que emanam da pesquisa como acontecimento. Ao pôr em evidência *conhecimentossignificações* me coloco em enfrentamento de discursos hegemônicos e políticas que buscam obliterar a boniteza dos cotidianos (Lisboa, Ribeiro; Guedes, 2025; Alves, 2003) na Educação Física.

Desta maneira, urge pensar em torno de uma sociolinguística na docência em Educação Física capaz de produzir enunciados políticos e pedagógicos acerca das práticas de linguagem que se apresentam na sociedade do século XXI. Especialmente, no que tange a um agir de reação cultural aos contextos opressores e uma práxis emancipatória/libertadora que desvia “a leitura do corpo-objeto em atos de objetivação alienante, nos conduzindo a um sentirpensaragir de um letramento corporal na e pela reiteração de corpos-sujeitos subversivos, que por meio do ato de narrar desvela o potencial do sujeito como um referente da experiência na e pela relação sujeito-mundo” (Abreu, 2025, p. 4).

Para tanto, faz-se importante reconhecer a linguagem pelos processos de individuação e subjetivação a partir de narrativas autobiográficas em encontro com as alteridades para a leitura de mundos possíveis na Educação Física em contextos socioculturais e ambientais, a fim de possibilitar o





entendimento sobre linguagem a partir do conceito de ‘corpo/gesto medial’ (Delory-Momberger; Bourguignon, 2023) que passa habitar as minhas mimeses de intriga (Ricouer, 1994) quando inauguro a pergunta geradora/inquietadora: Como constituo uma plástica da liberdade e uma existencialidade (antro)poética na e pela docência em Educação Física?

Passo a elaborar essa pergunta por força de substanciar a categoria plasticidade numa consciência estetizante, de modo a constituir uma prática de si e do mundo encarnada à minha biografia educativa, em leitura do meu processo de autoformação docente.

Por isso mesmo, busco (re)pousar numa existencialidade (antro)poética e prescindir “de uma outra escrita/narrativa para além da já aprendida (grifo nosso). “Há assim, uma outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita” (Alves, 2008, p. 30-31) que me convoca a narrar a vida e literaturizar a ciência como Nilda Alves (2008) vem a me ensinar. Tal convocação me faz deleitar pelo conceito de medialidade biográfica cunhado pela Delory-Momberger e Bourguignon (2023) ao me fazer afetar pelo fazer estético, sensível, criativo e que se põe no entremeio de um movimento duplo e recíproco de afetação: afetação de si e afetação do mundo, reagindo um ao outro e um sobre o outro, cujas afetações e alteridades pedagógicas são também ressonâncias do período pandêmico (covid-19) que nos assolou em 2020-2023. A partir desse contexto, numa transcrição poética (Kondratiuk, 2024), passei a incorporar: “A matéria vida era tão fina”, ao lembrar da música Cajuína, de Caetano Veloso (1979).

Desde então, em maior relevo, a matéria vida se põe escrita e inscrita na constituição dos meus *saberesfazeres* na docência como aprendizagem existencial em contexto da justiça social, e para tanto, ganha outros sentidos e linguagens narrativas pela poesia, arte, literatura, fotografia e teatro, de modo a vicejar meu processo heurístico autoformativo no estágio pós- doutoral, em acontecimento (2025-2026) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte vinculada a Pós-Graduação em Educação Física, com projeto intitulado: **MEDIALIDADES BIOGRÁFICAS: UMA PLÁSTICA DA LIBERDADE E A EXISTENCIALIDADE (ANTRO/AUTO)POÉTICA NA E PELA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Por assim dizer, também procuro compreender o caráter medial do discurso autobiográfico, considerando seu potencial de oferecer elementos formais próprios para a construção de uma escrita da vida conforme explicitam Paul de Man (1979) e Delory-Momberger e Bourguignon (2023), compondo a minha biografia educativa.





As próximas seções que seguem buscam: 1 – situar o paradigma biográfico e o renascimento da narrativa como expressão de linguagem do retorno do sujeito potencializada pela medialidade, 2 – evocar *conhecimentossignificações* para a afirmação sobre medialidades biográficas: composição de uma linguagem estética na docência em Educação Física, e finaliza com algumas considerações. Imersa no paradigma biográfico, me aproprio ora da voz singular (eu), ora da voz plural (nós).

O PARADIGMA BIOGRÁFICO E O RENASCIMENTO DA NARRATIVA COMO EXPRESSÃO DE LINGUAGEM DO RETORNO DO SUJEITO POTENCIALIZADA PELA MEDIALIDADE

No Brasil, o paradigma biográfico se consolida com o objetivo de responder às demandas da pesquisa educacional e às potencialidades das narrativas autobiográficas, especialmente diante das limitações das abordagens tradicionais. Passeggi e Souza (2017) identificam dois momentos distintos: o primeiro, marcado pela emergência das histórias de vida nos anos 1990; e o segundo, caracterizado pela ampliação e diversificação temática a partir dos anos 2000. De forma complementar, Bueno *et al.* (2006) apontam que esse cenário foi intensificado por reformas legislativas que reafirmaram o papel central do professor no processo formativo, contribuindo para o crescimento do interesse pelas narrativas autobiográficas e histórias de vida docente, especialmente no Brasil e em outros países da América Latina (Abreu, 2020).

Na produção acadêmica latino-americana, observamos uma significativa interconexão entre os campos do conhecimento, delineando um campo biográfico fértil que articula e também questiona as contribuições hegemônicas das tradições intelectuais inglesa, francesa, alemã e italiana, somadas à crescente influência da produção em língua portuguesa (Moraes; Souza, 2016).

O enfoque biográfico em educação mantém vínculos teórico-metodológicos com a antropologia, a sociologia, a história, as artes e a literatura. Nesse contexto, ao longo do século XX, consolida-se o renascimento das narrativas como expressão de linguagem do retorno do sujeito, o que se evidencia nas vozes de africanos, asiáticos e latino-americanos que atravessam fronteiras. Como exemplo temos na contemporaneidade o êxodo humano redesenhando as fronteiras geopolíticas, bem como das vítimas, soldados e excluídos nas sociedades pós-industriais e pós-coloniais. Esses testemunhos vivos passaram a ser reconhecidos como documentos culturais legítimos (Moraes; Souza, 2016).

No Brasil, a continuidade das edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica (CIPA), e a fundação da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph)





fortaleceram o campo, em articulação com eventos de intercâmbio acadêmico em países como Argentina, Colômbia, Chile, Costa Rica, Porto Rico e México. Este último se destacou pela publicação do número 62 da Revista Mexicana de Investigación Educativa, seguido por mais duas edições temáticas, sob o título “Autobiografia e educação: tradições, diálogos e metodologias”, com o objetivo de sistematizar e refletir criticamente sobre o estado da arte da produção autobiográfica em educação (Moraes; Souza, 2016).

Na Colômbia, destacamos as experiências de pesquisa e formação baseadas na pedagogia da memória, com ênfase em narrativas sobre a guerra como instrumento de reconstrução social no contexto do pós-conflito. Tais práticas têm contribuído significativamente para a visibilidade e dignificação das vítimas dos cinquenta anos de guerra civil, além de promoverem ações educativas voltadas à cidadania, aos direitos humanos e à democracia. Também ganham força os projetos de documentação narrativa de práticas pedagógicas e as experiências de formação inicial e continuada de professores, com enfoque na pesquisa biográfica em educação e na valorização das histórias de vida docente (Moraes; Souza, 2016).

Outrossim, é possível admitirmos que as ressonâncias do paradigma biográfico mobilizam valores democráticos e de enfrentamento das injustiças sociais e ambientais no campo histórico, político e educacional, refletidas sobre narrativas de apagamentos históricos, regimes ditatoriais, lutas de classes, entre outras, de modo a pensar processos autoformadores com vistas a uma educação no Antropoceno. Ademais, [...] a crescente conscientização dos impactos da ação humana sobre o sistema terrestre – que incidem não apenas no mundo natural, mas também em todas as formas de vida que o planeta abriga, incluindo as sociedades humanas – convida-nos a renovar nossa abordagem da instituição educacional (Mélin; Kondratiuk, 2024, p. 11).

Neste sentido de renovação, o renascimento da narrativa como expressão de linguagem do retorno do sujeito enseja produzir formas de compreensão do humano constituir-se sujeito e do seu poder de expansão de si como ator criador, narrador, agente social de resistência e reexistências, objeto de uma consciência estetizante que tem sido inaugurada pelo campo de estudo sobre medialidades (que também evoca as noções de automedialidade e gesto medial) junto ao paradigma biográfico. A noção de medialidade conforme fundam Delory-Momberger e Bourguignon (2023) captura o fazer estético em abrangência de todas as formas de expressão e de linguagens:

[...] faladas, escritas, fotográficas, sonoras, gráficas, plásticas, digitais, corporais, gestuais, cênicas etc. E, no campo das formas narrativas propriamente dito, elas permitem ampliar a narrativa a outras modalidades expressivas, que fazem uso de imagens, desenhos, quadros, fotografias fixas ou animadas, tais como: filmes, mangás, novelas, séries etc (Delory-Momberger e Bourguignon, 2023, p. 3).





De modo completar, sobre a noção de automedialidade Passegi e Delory-Momberger (2023) reiteram:

A noção de automedialidade, como se sabe, nasce nos estudos literários e estéticos, e se caracteriza enquanto espaço-tempo do humano e de seu direito de exercer sua liberdade de criar e de se auto(re)criar. Nesse sentido, **tal conceito dá lugar a uma fecunda expansão de objetos de pesquisa ao ampliar para além da escrita (grafia), outras modalidades gráficas – desenho, pintura, música, gestos... – como forma mediadoras das relações do si mesmo (autos) com a vida (bios), com o outro (alter), com o eu (ego) e com a Terra, nosso habitat (oïkos) natural** (Passegi; Delory-Momberger, 2023, p. 1) (grifos nossos).

Por isso mesmo, estamos explorando essas noções com o ensejo de fortalecer a formação estética na docência em Educação Física, seja em processos autoformadores na escola e/ou na universidade, assim como no desenvolvimento profissional docente, enquanto forma de constituição humana, subjetiva e coletiva, ética e política, pois consideramos uma invisibilidade e apagamento pelo escamoteamento e hierarquização de outros saberes e caráter transgressor, “e não é raro que, apenas tardiamente, as pessoas se ofereçam o direito de se apropriar da arte – dança, canto, desenho, pintura, música... – como modo de reinvenção de si, reconhecendo que a vida escolar e/ou profissional as tenha privado desse poder de expansão identitária, regeneradora do ser (Passegi; Delory-Momberger, 2023, p. 4).

Diante desse horizonte, afirmamos o paradigma biográfico, potencializado pelas noções de medialidade e automedialidade, não apenas como abordagem teórico-metodológica, mas como gesto político-estético de restituição do sujeito à cena educativa. Ao reconhecer o direito de narrarmos e de criarmos por múltiplas linguagens, deslocamos a centralidade de uma racionalidade técnico-instrumental para uma racionalidade sensível, dialógica e criadora. No campo da Educação Física, tal deslocamento reinaugura a possibilidade de compreendermos o corpo como espaço-tempo de inscrição biográfica, como gesto medial que narra, resiste e reinventa mundos e reposiciona marcas do vivido em ato narrativo que trazem significações para o construto da identidade docente (Abreu, 2021; Abreu, 2023, Abreu, 2025). Assim, o reposicionamento da narrativa não representa apenas um movimento científico, mas uma inflexão civilizatória que recoloca o sujeito e, com o outro e com a Terra, abrindo vias para uma formação estética comprometida com a justiça social e ambiental no contexto do Antropoceno.





CONHECIMENTOSIGNIFICAÇÕES SOBRE MEDIALIDADES BIOGRÁFICAS: COMPOSIÇÃO DE UMA LINGUAGEM ESTÉTICA NA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

No conjunto de incursões teórica-empíricas dessa temporalidade de estágio pós-doutoral (2025-2026) já vivida junto a minha supervisora de pós-doutorado, coautora desse manuscrito, numa díade de *praticantespensantes* (Caldas; Alves, 2014) somada a nossa trajetória de estudos no paradigma biográfico há pelo menos 10 anos (Abreu, 2015; Venâncio, 2019), podemos evocar *conhecimentossignificações* sobre medialidades biográficas de modo a compor uma linguagem estética na docência em Educação Física com ênfase em processos autoformadores de constituição do ser individual e coletivo.

No que se pese, os contornos dessa minha pesquisa de pós-doutorado vão ganhando mais força-sentido a partir das experiências autoformadoras no ensino remoto no contexto das aulas de Educação Física no Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Fortaleza (Abreu, 2021; Abreu, 2025) cujo investimento da didatização na Educação Física Escolar pelas narrativas (auto)biográficas em ressonâncias freireanas mobiliza um sentir-pensar-agir em contexto de letramento corporal. Essas experiências buscaram apreender as intersubjetividades das relações entre o vivido e o narrado como expressão do conhecimento e transformação de si na e pela relação da docência, em análise hermenêutica crítica cujo enfoque narrativo priorizou linguagens estéticas, éticas, estésicas que tomam o letramento corporal a partir de ateliês narrativos com a fotografia e com desenhos. Permitindo, portanto, uma leitura crítica do mundo pela justiça social, democracia e humanização como ressonâncias freireanas, desveladas pelas narrativas de alteridade, em que nossos corpos estiveram encarnados, na potência subversiva no ensino remoto em evidência pandêmica.

No âmbito dos estudos teóricos sobre medialidade, automedialidade, gesto medial, fundamos nossas análises a partir estudos de Passegi e Delory-Momberger (2023), Delory-Momberger e Bourguignon (2023), Ossa (2023), Carvalho (2023), Reis (2023; 2025), Souza (2023), Correia (2023), Ferreira e Takahachi (2023), Pires e Erbs (2023), Olinda (2023), Moussion (2023), Kondratiuk (2024). Destacamos que reflexionar sobre medialidades, automedialidades, gesto medial, conforme expõem (Passegi; Delory-Momberger, 2023) no horizonte de práticas (auto)formativas de criação estética se coloca como uma prática inovadora na perspectiva epistêmica, teórica e de métodos de investigação no âmbito da pesquisa (auto)biográfica em educação. Nesse sentido, tratamos de dar este primeiro passo no campo da Educação





Física, em reafirmação de um eixo potente da pesquisa (auto)biográfica em educação na sua forma de conceber e expandir uma frutuosa visão da formação humana (Passegi; Delory-Momberger, 2023).

Além disso, encontramos fecundidade ao estabelecer articulações desse conceito com a teoria da relação com o saber valendo-se das figuras do aprender (Charlot, 2000; Venâncio, 2020; Venâncio *et al.*, 2022; Venâncio, 2014); com às pesquisas nos/dos/com o cotidiano e o uso de narrativas, naquilo que expressa narrar a vida e literaturizar a ciência (Alves, 2008); com a pedagogia libertadora a partir da consciência estetizante (Freire, 2020); e do corpo consciente (Bossle, 2023); e por último com o Si-mesológico e corpo medial em torno de educar no antropoceno (Mélin; Kondratiuk, 2024).

Em entrecruzamento empírico, 'medializamos' processos autoformadores desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - subprojeto de Educação Física da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Programa de Pós Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ambas no ano de 2025, com destaque para as práticas de ensino com pesquisa: 1- gestualidade medial na Educação Física escolar: roteiros teatrais como dispositivo estético-político com as juventudes em interlocução reflexiva pelo PIBID e 2- A oferta da disciplina Formação, Ensino e Práticas Corporais na Educação Física (EDF0116) que integraliza o currículo do curso de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), lócus do pós-doutoramento, onde produzimos ateliês de criação estética a fim de Como vestimos nossos objetos de pesquisa, situadamente, uma veste de si (auto), com os outros (hetero) e o meio (eco)? Ou seja, que se estabelece em relação a processos de auto/hetero/ecoformação (Pineau, 2005). Desse modo, recrudescemos a constituição de um inventário (auto) biográfico/ plástico como possibilidade de uma veste/plástica tecidual ao pensar o cotidiano na/da/com as práticas corporais, na interface ensino e pesquisa.

Esses investimentos teórico-empíricos, contribuem com uma sistematização onto-epistemológica e de dispositivos pedagógicos mediais que traduzam as relações do si mesmo (autos) com a vida (bios), com o outro (alter), com o eu (ego) e com a Terra, inaugurando esse enfoque na área de Educação Física, encontrando fecundidade para pensarmos uma plástica da liberdade e a existencialidade (antro/auto) poética na e pela docência em Educação Física, objeto de pós-doutoramento.

Assim, podemos evocar *conhecimentossignificações* em torno de:

- 1- Fundar/Cotejar/ Desdobrar pressupostos onto-epistemológicos, são eles: a- Automedialidade, gesto medial, medialidade como práticas de si constitutiva de uma subjetividade em ação e de uma ipseidade em movimento autoformador; b- O





- desejo de desejar a vida e o aprender existencial pela heterobiografização; c- A consciência estetizante da vida e a plástica da liberdade; d- Narrar a vida e literaturizar a ciência em leitura nos/dos/com o cotidiano; e-si-mesológico e corpo medial em torno de educar no antropoceno (Quadro 1);
- 2- Constituir um inventário plástico como dispositivo medial de biografias educativas.

Quadro 1 – Pressupostos onto-epistemológicos em torno de *conhecimentossignificações* de modo a compor uma linguagem estética para a docência em Educação Física

Pressupostos onto-epistemológicos	Conhecimentossignificações	Aportes teóricos
Medialidade, automedialidade, gesto medial como práticas de si constitutiva de uma subjetividade em ação e de uma ipseidade em movimento autoformadora;	A Educação Física, compreendida como linguagem estética, reconhece o corpo como meio e mensagem, como gesto medial que produz sentidos no e pelo movimento. Reforça-se a libertação dos sentimentos e sensações como processos autoformadoras que se inscrevem na corporeidade, recusando o enclausuramento do sentido-vivido-narrado. O gesto, o ritmo, a expressividade e a presença configuram-se como atos estéticos que traduzem modos de existir e aprender. O ensino com pesquisa torna-se espaço de criação sensível, no qual o movimento é texto, narrativa e inscrição de si no mundo.	Delory-Momberger, Jean-Claude Bourguignon, Conceição Passegi, Samara Barreto
O desejo de desejar a vida e o aprender existencial pela heterobiografização;	A Educação Física, como linguagem estética, assume a aprendizagem como experiência autopoética e (antro)poética que articula corpo, tempo e espaço. Ao adentrar um dispositivo relacional/medial o aprender se constitui como relação ética e estética com o saber. As práticas corporais deixam de ser meramente técnicas e tornam-se criação simbólica, expressão cultural e elaboração de sentidos. Resistir ao esmagamento das subjetividades implica cultivar processos autformadores que valorizem a imaginação, a sensibilidade e a pluralidade das formas de ser-corpo-no-mundo. Aprender é exercer uma atividade mediada, situada, encarnada, que envolve emoção, criação e reflexão crítica. A heterobiografização, no âmbito da Educação Física, mobiliza o desejo como força estética que atravessa o aprender. Aprender torna-se experiência de leitura sensível de si, do outro e dos cotidianos corporificados. As práticas corporais são tomadas como narrativas vivas que expressam memórias, afetos e pertencimentos. A aula constitui-se como espaço de escuta estética do corpo do outro, reconhecendo a intersubjetividade como condição do aprender. O movimento, nesse sentido, é linguagem que comunica histórias, vulnerabilidades e potências.	Bernard Charlot, Luciana Venâncio, Rosimeire Reis.



<p>A consciência estetizante e a plástica da liberdade</p>	<p>A Educação Física pautada numa práxis libertadora é compreendida política e pedagogicamente como uma arte de educar pelo corpo e com o corpo, pois consciente. A plástica da liberdade manifesta-se na possibilidade de reinventar gestos, jogos, danças e esportes como práticas de si em atos de transgressão. A consciência estetizante desloca o foco da performance normativa para a experiência sensível, para a boniteza do gesto singular-coletivo e suas alteridades. Educar esteticamente é criar condições para que cada sujeito experimente o corpo como território de liberdade, expressão e autoria, produzindo uma pedagogia da sensibilidade e da criação na tríade - auto, hetero, ecoformação.</p>	<p>Paulo Freire, Fabiano Bossle.</p>
<p>Narrar a vida e literaturizar a ciência em leitura nos/dos/com o cotidiano (escola-universidade);</p>	<p>Literaturizar a ciência na Educação Física implica reconhecer que os saberes corporais são também saberes narrados. A escrita, a oralidade e a expressão corporal tornam-se dispositivos estéticos de produção de conhecimento. Ao enfrentar discursos hegemônicos e racionalidades positivistas afirma-se uma ciência encarnada, que valoriza a experiência vivida e a didiscência. O cotidiano escolar-universitário é tomado como texto sensível a ser interpretado, no qual práticas corporais revelam conflitos, resistências e invenções.</p>	<p>Nilda Alves</p>
<p>Si mesológico e corpo medial em torno de educar no antropoceno.</p>	<p>A Educação Física, enquanto linguagem estética, reconhece o corpo como realidade mesológica — constituído na relação com o meio e corresponsável por ele. Educar no Antropoceno implica desenvolver uma sensibilidade ecológica do corpo, compreendendo as práticas corporais como modos de habitar o mundo. O gesto torna-se ato estético de cuidado com a vida, articulando corporeidade, ambiente e coletividade. A formação estética amplia a consciência planetária, promovendo experiências corporais que cultivem pertencimento, sustentabilidade e responsabilidade socioambiental em contextos ecoformativos.</p>	<p>Valérie Mélin e Carolina Kondratiuk</p>

Fonte: construção dos autores.

Desse modo, os *conhecimentossignificações* aqui evocados não pretendem encerrar um campo, mas inaugurá-lo como tessitura aberta, em permanente devir. Ao fundar, cotejar e desdobrar pressupostos onto-epistemológicos para uma linguagem estética na docência em Educação Física, reiteramos a medialidade biográfica como uma prática de si capaz de articular subjetividade, corporeidade e mundo. O inventário plástico das biografias educativas pode emergir, então, como dispositivo medial





em caráter metodológico e político que reinscreve a experiência docente no campo da criação sensível, possibilitando que o ensino com pesquisa se constitua como experiência de si, do outro e do meio. Seria, pois, um repositório/levantamento/catálogo de fontes narrativas estéticas (visuais, sonoras, escritas, imagéticas, literárias, etc.) como modo de documentação das biografias educativas em contextos de auto/hetero/ecobiografização, a fim de explicitação do corpo medial/gesto medial, constituídos em movimentos de formação (inicial ou continuada) e desenvolvimento profissional, se aproximando dos objetos dos memoriais (Passegi, 2008; Abrahão, 2011). Nesse movimento de escrita/inscrita autorreflexiva, apresentamos uma fonte narrativa, do tipo crônica ensaística-lírica, que comporá o inventário plástico da biografia educativa dessa pós-doutoranda:

Zum de besouro é imã

Como podem se juntar os verbos trepidar e ferver, e isso decompor um palimpsesto ancestral?

Parece que tenho arranjado sempre uma nova inquietação para a minha pergunta de pós-doutoramento. Inversamente, dessa vez, eu parti de uma resposta - [Saber de mim, uma plástica da liberdade]. A exatidão prescindida.

Uma estética autobiográfica, indubitavelmente. Uma estética psicanalítica? Uma estética ancestral? Uma estética poética?

Nunca tinha me feito existir que “o caminho sem volta” poderia ser diferente de uma circunstância retumbante hostil. - Como eu vou e só vou? Só vai! E se eu quiser voltar? Não volta. E as bagagens ficam quase o tempo todo suspensas (disse o guia). Por em suspensão as bagagens? Não há a proeminência de um recuo epistemológico? Talvez para uma plástica da liberdade seja outra coisa. Mato, capim dourado, trepidação arenosa, fervedouros, um sol da cor de macaxeira frita, mirar as estrelas. Disposições autoetnográficas, também.

Quarei o tempo, aquilombando a pesquisa-formação com o cheiro de puçá, copaíba, maracujá, cagaita. Brasis. Fervendo. O fervedouro é um puxa-puxa sem rapadura. Me parece que ali a natureza se impõe ao objeto (humano). Um aquífero que empurra a água para cima com força suficiente para impedir que você afunde na areia.

A relação de força/poder se inverte, destitui o antropoceno e restitui o biocêntrico... Mimeses das intrigas a desvelar? Se tira o véu numa pesquisa?

Já ouvi questionarem esse próprio verbo na taxiologia de outras pesquisas. Eu tirei, do mosquito de filó, na região da malária, que tem SUS. “Zum de um besouro é um imã”. Gesto automedial (Inventário plástico. Crônica ensaística-lírica, pesquisa-formação de pós-doutorado, setembro de 2025).

Tais conhecimentos/significações sobre medialidades biográficas, seja ao fundar/ cotejar/ desdobrar pressupostos onto-epistemológicos, seja ao constituir um inventário plástico como dispositivo medial de biografias educativas, tratam de reconhecer que o corpo que ensina e pesquisa é também corpo que narra, que sente, que imagina e que cria — instaurando uma plástica da liberdade que faz da docência um exercício (antro/ auto) poético de existência.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao problematizarmos a apreensão de *conhecimentossignificações* sobre medialidades biográficas, buscamos afirmar a docência em Educação Física como campo fecundo de experimentação estética, ética e política. Situando a noção de medialidade no interior do paradigma biográfico e articulando-a ao renascimento contemporâneo da narrativa, defendemos que a linguagem — em suas múltiplas expressões corporais, artísticas e sensíveis — constitui-se como meio privilegiado de produção de subjetividade e de formação humana, o que nos permite expandir as pesquisas que discutem as fronteiras da Educação Física ao dialogarem com as artes, com os estudos narrativos e com os dispositivos (auto)biográficos (Ramos, 2025), no que tange a compreensão ampliada do corpo, da prática pedagógica e dos modos de estar no mundo, mobilizando memórias, experiências, trajetórias e imagéticas plurais.

A pergunta geradora — como constituir uma plástica da liberdade e uma existencialidade (antro) poética na e pela docência em Educação Física? — Não se encerra nas linhas deste ensaio; antes, desdobra-se como horizonte investigativo e formativo. Ao reconhecermos o corpo como gesto medial e como realidade mesológica implicada no mundo, ampliamos a compreensão da Educação Física para além de uma prática técnico-instrumental, afirmando-a como linguagem estética capaz de produzir consciência planetária, resistência cultural e reexistências pedagógicas. Ademais, também emite reflexões sobre as tensões e desafios sobre o reposicionamento da Educação Física na área de Linguagens (Leitão *et al.*, 2025) quando passamos a sentir-pensar-agir sobre a assunção ontológica (Abreu, 2020; Sanches Neto, Costa, Oven, 2022) nos colocando a emití-la como desafio mais emergente.

Dito isto, os pressupostos onto-epistemológicos delineados e a proposição de um inventário plástico das biografias educativas indicam caminhos possíveis para consolidar dispositivos mediais no ensino-pesquisa, fortalecendo processos auto/ hetero/ ecoformadores. Tal movimento convoca a formação docente a assumir uma consciência estetizante que reintegre sensibilidade, imaginação e criticidade como dimensões constitutivas do aprender e do ensinar.

Consideramos, portanto, que as medialidades biográficas oferecem à Educação Física não apenas um novo vocabulário teórico-conceitual, mas uma outra maneira de habitar à docência: uma docência que literaturiza a ciência, que narra a vida como gesto político e que reconhece, na matéria fina da existência, a potência criadora do ser em devir. Nesse mo(vi)mento, refletimos/ deslocamos/ contrariamos, em alguma medida, a fragilidade argumentativa das pesquisas em educação física escolar pautada sobre a autobiografia na implicação encarnada sujeito-objeto, sobretudo aquelas marcadas como





feições ensaística, por vezes próximas ao poético (Neira, 2025), uma vez que ao invés de deslegitimar a ciência, propomos literaturizar. Nesse sentido, a plástica da liberdade possibilita a reinvenção do corpo, do saber e do mundo, um rigor outro.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, v. 34, n. 2, p. 165-172, 2011.

ABREU, Samara Moura Barreto de. A formação para a pesquisa de licenciandos em Educação Física: uma experiência (auto)formadora. 2015. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2015.

ABREU, Samara Moura Barreto de. **Autoformação docente na experiência de supervisão do PIBID:** transações para uma práxis pedagógica emancipatória na educação física. 2020. 330f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2020.

ABREU, Samara Moura Barreto de. Letramento corporal em potência subversiva no ensino médio integrado remoto: experiências autoformadoras de conscientização *In: MEIRELES, Bruno Freitas et al. (Orgs.). Freireando há 100 anos: o encontro com a educação física escolar.* Curitiba, PR: CRV, 2021.

ABREU, Samara Moura Barreto *et al.* Diários de aula como dispositivo pedagógico na (auto)formação docente. **Revista de educação, ciência e cultura**, v. 26, n. 1, p. 1-10, 2021.

ABREU, Samara Moura Barreto. Diários de aula na autoformação docente: dispositivo pedagógico no estágio supervisionado em educação física. **Humanidades & inovação**, v. 10, n. 3, p. 236-245, 2023.

ABREU, Samara Moura Barreto. Didatização da educação física escolar: as narrativas (auto)biográficas em ressonâncias freireanas. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 10, n. 25, p. 1-14, 2025.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. A pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes.* Rio de Janeiro: DP & A, 2008.

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. *In: ALVES, Nilda. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje.* São Paulo: Cortez, 2019.

BOSSLE, Fabiano. Algumas notas para a constituição de uma teoria pedagógica crítico-libertadora da Educação Física. *In: BOSSLE, Fabiano. Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar.* Florianópolis, SC: Tribo da Ilha, 2023.





BUENO, Belmira Oliveira *et al.* Histórias de vida e autobiografias na formação de professores. **Educação e pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 385-410, 2006.

CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos. **Teias**, v. 15, n. 39, p. 187-213, 2014.

CARVALHO, Ana Clara de Rebouças. Poéticas de banheiro: notas sobre formas de (re)existência em uma universidade. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-17, 2023.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

CHARLOT, Bernard. O ser humano é uma aventura: por uma antropopedagogia contemporânea. **Revista internacional educon**, v. 4, n. 1, p. 1-8, 2023.

CORREIA, Severino Lepe. O “eu” idêntico de Lepê Correia e a arte de desenhar-se. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-17, 2023.

DE MAN, Paul. Autobiography as de-facement. **MLN**, v. 94, n. 5, p. 919-930, 1979.

DELORY-MOMBERGER, Christine; BOURGUIGNON, Jean-Claude. Medialidades biográficas, práticas de si e do mundo. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-9, 2023.

DIAS PIRES, Ana Paula; CARDOSO ERBS, Rita Tatiane. Fragmentos (auto)biográficos na arte contemporânea. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-15, 2023.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais. In: FINGER, Mathias; NÓVOA, António (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: EdUFRN, 2014.

FERREIRA, Luciana Hadad; TAKAHACHI, Victoria Ramos. A vivência em dança na formação de professores. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-17, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KONDRATIUK, Carolina. Aportes teóricos e metodológicos da transcrição: da poesia concreta à pesquisa biográfica. **Linguagens, educação e sociedade**, v. 28, n. 57, p. 1-19, 2024.





LEITÃO, Arnaldo Sifuentes *et al.* Cartografia da produção brasileira sobre educação física na área de linguagens em currículos oficiais: tendências e implicações para a formação docente. **Temas em educação física escolar**, v. 10, n. 1, p. 1-25, 2025.

LISBOA, Luciana Borges de; RIBEIRO, Tiago; GUEDES, Adrienne Ogêda. Narrar a vida e literaturizar as ciências. **Communitas**, v. 9, n. 21, p. 1-14, 2025.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2001.

MELIN, Valérie; KONDRATIUK, Carolina. Re-habitar a escola no Antropoceno: contribuições da mesologia para um novo olhar sobre as condições de trabalho docente. **Educação**, v. 49, n. 1, p. 1-22, 2024.

MORAES, Dislane Zerbinatt; SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa (auto)biográfica em análise: entre diálogos epistemológicos e teórico-metodológicos. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 1, n. 1, p. 10-13, 2016.

MOUSSION, Frédéric. Da insegurança linguística à insegurança biográfica: hipobiografização, uma nova prática “auto-medial”. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-13, 2023.

NEIRA, Marcos Garcia. Notas sobre a fragilidade argumentativa das pesquisas em Educação Física escolar. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 39, p. 1-17, 2025.

OLINDA, Sahmaroni. Relatos (auto)biográficos de escritores e produção artístico-literária subterrânea. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-13, 2023.

OSSA, Diego Leandro Marín. Princípios de automedialidade e relatos de histórias (audio)visuais na formação e pesquisa (auto)biográfica. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-14, 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição; DELORY-MOMBERGER, Christine. Apresentação do dossiê – automedialidade: a criação estética como prática humana de reinvenção de si, do outro e do mundo. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-4, 2023.

PASSEGGI, Maria Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a eco e a heteroformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa, Portugal: Ministério da Saúde, 1987.





PINEAU, Gaston. Emergência de um paradigma antropofomador de pesquisa-ação-formação transdisciplinar. **Saúde e sociedade**, v. 14, n. 3, p. 102-110, 2005.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006.

PINEAU, Gaston. **Produire sa vie**: autoformation et autobiographie. Paris, France: Edilig; Montréal: St Martin, 1983.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**: rumo a novos sincronizadores. São Paulo: Triom, 2004.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

RAMOS, Michael Daian Pacheco. Apresentação Dossiê – Educação física, artes, narrativas e (auto)biografias. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 10, n. 25, p. 1-13, 2025.

REIS, Rosimeire. Automedialidade e ressonância para a formação de si de jovens na universidade: ateliê com blogs reflexivos. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-19, 2023.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papyrus, 1994.

SOUZA, Edilson Fernandes de. Memórias, automedialidade afrodescendente e formação. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. 1-19, 2023.

VELOSO, Caetano. Cajuína. In: VELOSO, Caetano. **Cinema transcendental**. Rio de Janeiro: Philips, 1979. 1 disco sonoro.

VENÂNCIO, Luciana. A relação com o saber e o tempo pedagogicamente necessário. **Revista de estudos de cultura**, v. 5, n. 14, p. 89-102, 2019.

VENÂNCIO, Luciana. O que nós sabemos? Da relação com o saber na e com a educação física em um processo educacional-escolar. 2014. 294f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2014.

VENÂNCIO, Luciana *et al.* Relações com os saberes e experiências (auto)formativas na educação física. **Movimento**, v. 28, p. 1-21, 2022.

VIEIRA, Ewerton Leonardo da Silva; ABREU, Samara Moura Barreto de; SANCHES NETO, Luiz. Diário de uma amizade crítica: implicações antropológicas do autoestudo na formação de professores de educação física. **Studying teacher education**, v. 18, n. 3, p. 294-315, 2022.

WALLENHORST, Nathanaël; PIERRON, Jean-Philippe. **Éduquer en anthropocène**. Lormont, France: Le Bord de l'eau, 2019.





Samara Moura Barreto

<http://lattes.cnpq.br/8989448843028647>

<https://orcid.org/0000-0003-1198-5602>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Fortaleza, CE – Brasil)

samara.abreu@ifce.edu.br

Luciana Venâncio

<http://lattes.cnpq.br/2343126935338257>

<https://orcid.org/0000-0003-2903-7627>

Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE – Brasil)

luvenancio@ufc.br

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Autora 1: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

Autora 2: supervisão do desenho da pesquisa; discussão dos dados; revisão conjunta do texto.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

BARRETO, Samara Moura; VENÂNCIO, Luciana. *Conhecimentossignificações sobre medialidades biográficas: uma linguagem estética na docência em educação física*. **Corpoconsciência**, v. 30, e21140, p. 1-19, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e21140>.





Recebido em: 28/02/2026
Aprovado em: 31/03/2026
Publicado em: 06/04/2026

